



# A GALINHA DOS OVOS DE OURO

LURY MORAIS \*



Aquele dia foi uma coisa muito estranha. Tarra as galinha tudo quieta. Tudo dormino. Só uma que começou os grito. Parecia que ia morrer. Eu pensei que era um bicho que tinha entrado e tarra matano elas. Mas como só era uma gritano, a suspeita sumiu, né? Certo é que eu abri a porta do muro, deixei escorada e passei.

Tarra tudo escuro ainda, nem um pio nas rua. Tudo calmo. Tudo frio. Noite antes de amanhecer, né? Cê sabe. Um frio medôim. Chega eu me tremia. Tarra só de calção, sem camisa. Fiquei logo arrépiado com o frio seco dessa madrugada. Vei um frio que, meu Deus, num tinha quem aguentasse essa miséra gelano o corpo. Gelano até a alma da pessoa. Então fui ver as galinha, né?

Vi o chiqueiro. Me abaixei pra abri a porta. Os animal tudo olhano pra ela. Tudo calado, tudo olhano. Desconfiano, os bicho, né? Eu olhava: quê que essa galinha tem? Diabo era que essa zuada todinha no mei do nada. Ela tarra deitada, gemeno, parada. Tava morreno, só pode. Só podia ser. Gritano desse jeito. O jeito era matar, já virava almoço, né?

Mai na hora que eu peguei ela, gritô mais baixo. Parô. Oxi, fiquei pensano. Mai é o diabo mermo. Se calou agora. Então soltei a bicha. Ela voltô pro mermo canto. Ficou rodano. E eu oiano. Ma rapaiz. Se sentou. E eu já tarra ficano com raiva, né? A bicha se sentô, mas tarra mais alta. Subiu em cima duma péda. Essa bicha doente e ainda quereno ficar mal arrumada. Fui ver a péda, pra tirar, né? Eu nem sabia como que uma péda daquele tamãin foi parar ali, se só tinha terra... Terra e as galinhas com as sujeira dela.

Lerrantei a galinha, tirei a péda. Num era péda. Era um ovo. Um ovo, diga aí. Mas tá! Fui me deitar. No ôto dia, a merma coisa. Merma coisa. A merma zuada, parecia um negócio, né? Mai esse dia num fui com muído não. Só peguei ela, olhei debaixo, ôto ovo. Ôto ovo, e a merma zuada. Só larguei dela e fui me deitar.

No terceiro dia, já tinha começado de novo. Aí me injuriei mermo. Disse: é hoje que levo essa quiba pa panela. E levei mermo. Peguei ela, os três ovo, né? Já tarra com tanta raiva que nem percebi. Nem tinha visto que os ovo tarra diferente. Mei estranho, mei pesado. Tava morreno de sono, nam. Coloquei os ovo na mesa, enquanto colocava ela numa gaiola pequena, do lado da porta, né? Aí um ovo começou a rodar na mesa, né? Num darra tempo eu pegar ele, aí deixei cair. Eu tarra amarrando a gaiola e só ouvi ele ino quebrar no chão. Era só um ovo, darra pra limpar fácil, né? Tum!... no chão. Parecia um... Num sei não o que parecia. Um negócio duro.

Terminei de amarrar a gaiola e fui ver. Eu pensei que tinha caído num chinelo, uma coisa assim. Num tinha. Tarra era no chão mermo, o ovo. Aí percebi que o ovo nera branco não. Era era amarelo, um amarelo fraco, mei embaçado, mai que brilhava. Oxi, eu pensano, isso né ovo não, viu? É oro. É um ovo de oro! Meu Deus do céu! Um ovo de oro! Isso dá é dinheiro, e muito, viu?! Meu Deus! Meu Deus do céu... É oro mermo. É oro mermo! Meu Deus! Obrigado, meu Jesus. Ah! Meu Jesus. Agora tô chei de oro. Chei de dinheiro! Chein... Meu Deus, eu vou ficar rico, meu Deus! Ah! Meu Deus, uma ruma de oro assim. Eu tô rico, tô chei de dinheiro!

Ma eu falarra isso, nera gritano pra todo mundo ouvir não, viu? Cê é doido! Você dizer que tá chei de dinheiro é pirigoso. Tem um monte de gente ruim aí. Eu ficarra na minha. Gritava era com os óis. Os óis arregalado quereno gritar, mas num podia. Tinha que gritar só na cabeça. Só na cabeça mermo. Porque senão... Senão alguém uvia, né? E se ouvisse, até não podia robar de mim,

---

\* Graduando em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [m.luryhortencio@gmail.com](mailto:m.luryhortencio@gmail.com).

marrria falar escondido. E esse ôto que uviu escondido ia espalhar escondido também. E a conversa ia chegar em uma pessoa que não tinha medo. E ia dizer pra ôta pessoa que num tinha medo, tinha era corági. E vinha me robar! Cê é doido! Eu num podia falar isso com ninguém não.

Com-nin-guém.

Mai meus óis num parava de arregalar. Chega tarra doeno. Eu ainda tarra oiano aquele ovo. Pensano nisso tudo. E agora, meu Deus do céu?! Se alguém descobrir eu tô lascado. Vão me robar e ainda vão me matar. Porque eu é que num deixo me robar! Num tem nada aqui pra mim correr ô pa lutar. Tinha o quê? Os chinelo? As galinha? Eu ia jogar os ovo é? Só se for... O jeito era esconder aquele segredo. Pior que se esconde cofre de dinheiro. Eu ia esconder mais difícil que botija no mei dur mato. E esconder mais ainda da boca dos ôto. Ia só saber eu. Eu e a galinha. Marri se descobrirem a galinha também? Meu Deus do céu! Quê que eu faço?!